

O protagonismo da pessoa idosa e a ressignificação da velhice no cinema: uma análise do filme *A Grande Mentira* (2019)

Fabiano Eloy Atílio Batista

Glauber Soares Junior

Débora Pires Teixeira

Ítalo José de Medeiros Dantas

Introdução

Nas últimas décadas, o envelhecimento populacional tornou-se um fenômeno central nas discussões sociais e culturais. A ampliação da longevidade e a compreensão do envelhecer como processo plural tensionaram ideias cristalizadas sobre o que significa ser idoso. Discursos contemporâneos têm buscado ressignificar essa etapa da vida, reconhecendo-a como espaço de autonomia, afetividade, desejo e produtividade (Soares Junior; Batista, 2020; Batista; Caixeta, 2019; Batista; Junior; Oliveira, 2019; Teixeira, 2023; Teixeira; Dantas; Soares Junior; Batista, 2024; Teixeira; Dantas; Soares Junior; Batista, 2025; Batista; Junior; Teixeira; Dantas; Paula, 2025).

O cinema, enquanto produtor e difusor de imaginários, desempenha papel significativo na construção de sentidos sobre envelhecimento. As imagens produzidas pelo cinema podem tanto reforçar estereótipos quanto abrir espaço para narrativas mais complexas sobre a velhice (Gusmão, 2005; Faleiros, Vianna, Oliveira, 2017; Pastorio, Acosta e Roos, 2018; Caldas, 2021). Como observa Ebert (2004, p. 11), o cinema amplia nosso modo de ver o mundo ao nos colocar diante de outras experiências e subjetividades:

Os filmes são as janelas para o mundo. Eles nos permitem desvendar outras mentes – não simplesmente pela identificação com os personagens, embora isto seja uma parte muito importante, mas por nos oferecerem a oportunidade de ver o mundo como as outras pessoas veem.

Nesse contexto, o filme *A Grande Mentira* (2019), dirigido por Bill Condon e estrelado por Helen Mirren (na personagem de Betty McLeish) e Ian McKellen (no personagem de Roy Courtney), apresenta uma oportunidade fértil para analisar como a velhice pode ser representada a partir de papéis centrais, ativos e moralmente complexos.

Assim, este artigo analisa como o filme contribui para a construção de uma imagem mais potente e autônoma da pessoa idosa, discutindo de que forma seus personagens rompem com representações tradicionais e colaboram para a ressignificação da velhice.

O envelhecimento ativo compreende a valorização da autonomia, participação, saúde e segurança da pessoa idosa. Autores como Debert (2004) e Goldenberg (2013) afirmam que envelhecer não significa perder qualidade de vida, mas sim passar por mudanças sociais e pessoais como qualquer outra fase da vida. Nesse contexto, o protagonismo implica reconhecer a pessoa idosa como sujeito ativo, capaz de decidir, agir e ressignificar sua trajetória, dimensão central na análise do filme em questão.

Historicamente, o cinema tem relegado personagens idosos a papéis secundários, caricatos ou unidimensionais: frágeis, dependentes, sábios passivos, figuras cômicas ou desimportantes para o andamento da trama. A representação hegemônica situa a velhice no polo do “menos”: menos força, menos inteligência, menos desejo, menos relevância (Dias, 2005; Caldas, 2021).

Com a diversificação demográfica e cultural, obras recentes têm reposicionado idosos como personagens complexos, capazes de protagonizar histórias de ação, romance, suspense ou humor. Exemplos incluem ‘*O Exótico Hotel Marigold*’ (2011), ‘*Amor*’ (2012), ‘*Um Senhor Estagiário*’ (2015) e ‘*O Último Azul*’ (2025). Tais produções apontam para uma ruptura com o paradigma da velhice como sinônimo de estagnação.

Análise do filme *A Grande Mentira*



A Grande Mentira (2019) apresenta Roy Courtney (figura 01), um golpista experiente, habituado a manipular afetos e situações em benefício próprio, e Betty McLeish (figura 02), uma viúva rica que, à primeira vista, parece frágil e ingênua ao se envolver emocionalmente com ele. A narrativa se estrutura inicialmente a partir de estereótipos associados à velhice, como vulnerabilidade, solidão e dependência, que são progressivamente tensionados e invertidos ao longo do filme.

À medida que a trama avança, revelações sobre o passado dos personagens¹ e suas motivações reconfiguram a dinâmica de poder entre eles, desfazendo qualquer leitura simplista. Tanto Roy quanto Betty são representados como sujeitos ativos, dotados de inteligência estratégica, autonomia e capacidade de decisão, exercendo papéis centrais na condução dos conflitos e no desfecho da história.

¹ Fotos de divulgação. Fonte: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-263277/criticas-adorocinema/>. Acesso em 30 jan. 2026.



Figura 01 – Personagem Roy Courtney



Figura 02 – Personagem Betty McLeish

Ao colocar dois idosos como protagonistas de um thriller psicológico, gênero historicamente associado à ação e ao vigor físico, o filme desafia normas cinematográficas tradicionais. Betty e Roy não são coadjuvantes de uma história conduzida por jovens; são eles que movem a trama, tomam decisões cruciais e carregam os conflitos centrais. Ambos exibem autonomia emocional, intelectual e prática, seja na condução de um golpe, seja na elaboração de um plano de justiça pessoal.



Figura 03 – Cena do filme onde Roy tenta aplicar golpe em Betty

Os personagens rompem com diversos estereótipos, tais como: a) Inteligência estratégica: ambos mostram capacidade analítica e calculista; não são ingênuos nem cognitivamente limitados; b) Autonomia financeira e social: gerenciam seus próprios bens, rotinas e relacionamentos; c) Complexidade emocional: não são simples, frágeis ou previsíveis; e, d) Capacidade de ação: a velhice não os impede de planejar, investigar, manipular, resistir ou enfrentar conflitos. Particularmente, a personagem de Helen Mirren, Betty McLeish, desconstrói a imagem da “idosa frágil”: ela é forte, emocionalmente resiliente e determinada.



Figura 04 – Cena do filme onde Betty confronta Roy sobre questões do passado

Ao mesmo tempo, o filme não trata a velhice como mito de perfeição e rompe com um estereótipo da velhice aureolada. Como menciona Beauvoir (1976, p. 8), persiste, ainda na atualidade, o pensamento de que embranquecer os cabelos pelo passar dos tempos representa tornar-se melhor, mais puro, sem máculas e que os velhos têm a obrigação de dar exemplo de todas as virtudes.

Assim, cria-se uma imagem imaculada da velhice. No entanto, o filme mostra uma velhice complexa, cercada por traumas, dores, corrupção e fragilidades humanas, elementos que enriquecem as personagens, e não que as diminuem. Roy é moralmente ambíguo; Betty carrega marcas profundas do passado. Envelhecer, nesse contexto, é continuar sendo sujeito de contradições, escolhas e consequências.

A *Grande Mentira* constrói uma narrativa em que a velhice deixa de ser sinônimo de declínio e passa a ser espaço de reinvenção. Para Betty, o envelhecer é atravessado por um processo de revisão do passado e de resignificação de sua própria trajetória; para Roy, ao contrário, a idade funciona como continuidade, e até intensificação, de escolhas marcadas pela manipulação e pela violência simbólica.

Em ambos os percursos, a velhice não opera como limite, mas como condição narrativa e dramática. O filme evidencia que envelhecer não implica perda de agência, e sim a transformação das formas de agir, decidir e exercer poder.



Figura 05 – Cena do filme onde ambos suspeitam um do outro²

O protagonismo de Betty e Roy dialoga com o conceito de envelhecimento ativo. O filme posiciona idosos como agentes que pensam, decidem, planejam e confrontam situações complexas, refutando a associação automática entre velhice e impotência. Nesse sentido, o filme reforça o conceito de *New Older Living Trend* (NOLT). Conforme Carvalho (2026), esse termo surgiu nos Estados Unidos e se difundiu nas redes sociais fazendo a defesa de uma velhice atrelada a atividade, ao vigor físico e cognitivo e ao padrão estético de juventude.

As representações sociais da velhice no cinema dialogam diretamente com o fenômeno do idadismo (ageísmo), compreendido como o conjunto de estereótipos, preconceitos e práticas discriminatórias dirigidas às pessoas idosas. Conforme apontam Teixeira, Souza e Maia (2018), o ageísmo tende a se manifestar de forma sutil e institucionalizada, sustentado por normas sociais que naturalizam a associação entre envelhecimento, declínio e perda de valor social. Tais construções simbólicas operam não apenas no plano das relações interpessoais, mas também no campo da cultura e da mídia, contribuindo para a reprodução de imagens da velhice vinculadas à fragilidade, à dependência e à improdutividade, que limitam a percepção da pessoa idosa como sujeito pleno de capacidades cognitivas, afetivas e morais.

Nesse sentido, ao posicionar personagens idosos como protagonistas de uma narrativa de suspense psicológico, *A Grande Mentira* mobiliza e tensiona estereótipos socialmente compartilhados sobre a velhice. O filme parte de expectativas associadas à vulnerabilidade e à ingenuidade para, progressivamente, subvertê-las, revelando sujeitos dotados de inteligência estratégica, autonomia e capacidade de ação. Tal movimento dialoga com a crítica desenvolvida por Teixeira, Souza e Maia (2018), ao demonstrarem que o idadismo se sustenta em processos automáticos de categorização social que homogeneizam a velhice e a reduzem a um conjunto de déficits. Ao apresentar personagens idosos como protagonistas em uma trama

² Fonte: <https://www.cafecomfilme.com.br/criticas/critica-do-filme-a-grande-mentira>. Acesso em 30 jan. 2026.

sofisticada, a obra contribui para a construção de um imaginário social em que envelhecer não é desaparecer, mas continuar relevante.

De tal forma, entendemos que representações complexas favorecem a valorização simbólica da velhice e a redução do idadismo (Teixeira, 2023). A experiência acumulada assume papel central na narrativa: é ela que permite a Betty enfrentar Roy e reescrever sua própria história. O filme reforça, assim, que a velhice não é apenas memória do que se foi, mas também força para o que ainda se pode fazer.

Considerações finais

Este texto analisou como o filme *A Grande Mentira* oferece uma representação potente e complexa da pessoa idosa, reposicionando a velhice como etapa de protagonismo, inteligência e autonomia. Ao subverter estereótipos que associam a velhice à fragilidade e a inocência, o filme contribui para uma visão ampliada e mais realista do envelhecer e rompe com estereótipos socialmente cristalizados. A construção de personagens complexos, capazes de ação estratégica e emocional, reforça a necessidade de narrativas que valorizem o idoso como sujeito pleno. Ao mesmo tempo, reforça a noção de uma velhice ativa, evocando o conceito de NOLT.

O cinema, ao produzir essas novas imagens, pode atuar como agente de transformação cultural, questionando preconceitos e incentivando uma compreensão mais diversa da longevidade. Sugere-se, como desdobramentos futuros, a análise comparativa de outras obras cinematográficas que retratam idosos em papéis centrais, ampliando o debate sobre representações contemporâneas da velhice. Envelhecer, como mostra o filme, não é apenas sobreviver ao tempo, mas continuar escrevendo a própria história.

Referências

A GRANDE MENTIRA. Direção: Bill Condon. Roteiro: Jeffrey Hatcher. Elenco: Helen Mirren, Ian McKellen, Russell Tovey. Brasil: Warner Bros. Pictures, 2019.

BATISTA, F. E. A.; JUNIOR, G. S.; TEIXEIRA, D. P. ; DANTAS, I. J. M. ; PAULA, E. C. R. . Elegância que o tempo não apaga: moda, envelhecimento e expressões de estilo na página @Gramparentes. **Rev. Longeviver**, v. VII, p. 16-23, 2025. Disponível: <https://www.revistalongeviver.com.br/index.php/revistaportal/article/view/65>. Acesso em 29 jan. 2026

BATISTA, F. E. A.; JUNIOR, G. S.; OLIVEIRA, I. F. Pontos e Contos: Sociabilidade, Aprendizagem e Autoestima. A participação de idosas na oficina de bordado manual do IF Muriaé. In: **Rev. Longeviver**, Ano I, n. 3, Jul/Ago/Set, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://revistalongeviver.com.br/index.php/revistaportal/article/view/792/847>. Acesso em 29 jan. 2026

BATISTA, F. E. A.; CAIXETA, R. F. Perspectiva Socioantropológica sobre Envelhecimento, Moda e Identidade. In: **Rev. Longeviver**, Ano I, n. 4, Out/Nov/Dez, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://revistalongeviver.com.br/index.php/revistaportal/article/view/803/862>. Acesso em 29 jan. 2026.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Trad. Heloysa de Lima Dantas. 2.^a ed. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1976.

CALDAS, G. H de O. Da marginalização ao presente: trajetória e territorialidade dos idosos no cinema brasileiro contemporâneo. **ANPUH-Brasil** – 31º Simpósio Nacional de História, Rio de Janeiro / RJ, 2021. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2024-08/1723618800_7eafb1dc26d2f053510c7dafc1434459.pdf. Acesso em 29 jan. 2026.

CARVALHO, T. T. NOLT, o mito do ‘novo velho’: Quando a busca pela juventude eterna invisibiliza a velhice real. **Portal do Envelhecimento e do Longevidade**, 02 fev. 2026. Disponível em: <https://portaldoenvelhecimento.com.br/nolt-o-mito-do-novo-velho-quando-a-busca-pela-juventude-eterna-invisibiliza-a-velhice-real/>. Acesso em 02 fev. 2026.

DEBERT, G. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2004.

DIAS, S. As imagens da velhice no cinema. In: GUSMÃO, Neusa (Org.). **Cinedebate**: cinema, velhice e cultura. Campinas, São Paulo: Alínea, 2005. p. 15– 22.

EBERT, R. **A magia do cinema**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

FALEIROS, V. de P.; VIANNA, L. G.; OLIVEIRA, M. L. C. de. A ressignificação da velhice num cine-debate. **Estud. interdiscipl. envelhec.**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 133-151, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/64342/48732>. Acesso em 29 jan. 2026

GOLDENBERG, M. **A bela velhice**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

GUSMÃO, N. (Org). **Cinedebate**: cinema, velhice e cultura. Campinas, São Paulo: Alínea, 2005.

SOARES JUNIOR, G. S.; BATISTA, F. E. A. A Manutenção de Saberes Artesanais por Mulheres Idosas. O Caso da Tecelagem Manual da cidade mineira de Resende Costa. In: **Rev. Longevidade**, Ano II, n. 6, Abr/Mai/Jun. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://revistalongevidade.com.br/index.php/revistaportal/article/view/826/884>. Acesso em 29 jan. 2026

TEIXEIRA, D. P.; DANTAS, I. J. M.; SOARES JUNIOR, G.; BATISTA, F. E. A. Branco & Prata: a velhice tematiza em um documentário sobre a transição capilar. **Humanidades & Inovação**, v. 11, p. 47-57, 2024. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/9569>. Acesso em 29 jan. 2026

TEIXEIRA, D. P.; DANTAS, I. J. M.; SOARES JUNIOR, G.; BATISTA, F. E. A. A velhice e a moda: tecendo reflexões sobre a tendência Grandpacore. **Revista Prâxis**, v. p. 301-325, 2025. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraxis/article/view/3985>. Acesso em 29 jan. 2026

TEIXEIRA, D. P. Idadismo, humor e gênero na sociedade brasileira contemporânea. **Oikos: Família e Sociedade em Debate**, v.34, n.2, p.01-16, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/15283/8892>. Acesso em 29 jan. 2026

TEIXEIRA, S. M. O.; SOUZA, L. E. C.; MAIA, L. M. Ageísmo institucionalizado: uma revisão teórica. **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 21, n. 3, p. 129-149, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/41448>. Acesso em: 31 jan. 26.

PASTORIO, A. P., ACOSTA, M. A. DE F., & ROOS, S. N. M. O cinema no debate sobre o envelhecer. **Revista Kairós-Gerontologia**, 21(1), 243-256. ISSN 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/39532/26783>. Acessado em 29 jan. 2026.

Data de recebimento: 03/02/2026; Data de aceite: 09/03/2026

Fabiano Eloy Atílio Batista - Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania (UFV). Professor do Bacharelado em Design (UEMG – Ubá). Doutor em Economia Doméstica, atual Política Social (UFV) e doutorando em Artes, Cultura e Linguagens (UFJF). Graduado em Arte e Design Moda. E-mail: fabiano.batista@uemg.br

Glauber Soares Junior - Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania (UFV). Professor do Bacharelado em Design (UEMG – Ubá). Doutor em Processo e Manifestações Culturais (Feevale). Graduado em Arte e Design Moda. E-mail: glauber.soares@uemg.br

Débora Pires Teixeira - Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio, Cultural e Sociedade (UFRRJ). Doutora em Economia Doméstica, atual Política Social (UFV). Professora associada do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da UFRRJ. Graduado em Economia Doméstica. E-mail: deborapite@gmail.com

Ítalo José de Medeiros Dantas - Professor do Bacharelado em Design de Moda (UEMG – Passos). Doutorando em Processo e Manifestações Culturais (Feevale). Graduado em Design Moda. E-mail: italodantasdesign@hotmail.com



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.